

O SONHO DE UM HOMEM RIDÍCULO

(NARRATIVA FANTÁSTICA)

(1877)

PRIMEIRO

SOU UM HOMEM ridículo. Agora já quase me têm por louco. O que significaria ter ganho em consideração, se não continuasse sendo um homem ridículo. Mas eu já não me aborreço por causa disso, agora já não guardo rancor a ninguém e gosto de toda a gente, ainda que se riam de mim... sim, senhor, agora, não sei por quê, mas sinto por todos os meus próximos uma ternura especial. Teria muito gosto em acompanhá-los no vosso riso... não precisamente nesse riso à minha custa, mas sim pelo carinho que me inspiram, se não me fizesse tanta pena vê-los. É pena que não saibam a verdade. Oh, meu Deus! quanto custa isso de ser um só a saber a verdade! Mas isto não compreendem eles. Não, nunca compreenderiam isto.

A princípio fazia-me sofrer muito a idéia de parecer ridículo. Não o parecê-lo, mas o sê-lo. Eu sempre fui ridículo, e eu já o sabia talvez desde que nasci. Talvez já aos sete anos eu me apercebesse perfeitamente de que era ridículo. Depois fui para a escola, e a seguir para a Universidade, mas... quanto mais aprendia, mais obrigado me via a reconhecer a minha condição de criatura ridícula. De maneira que todos os meus estudos universitários não tinham outro objetivo senão o demonstrarem-me e explicarem-me a mim próprio, nas minhas meditações, que eu era um ser ridículo. E, na vida, acontecia-me o mesmo com a ciência. Todos os anos aumentava e se fortalecia em mim o conhecimento da minha condição ridícula, em todos os sentidos. Toda a gente se ria de mim. Mas ninguém sabia, nem suspeitava

sequer, que, se existia no mundo um homem que soubesse melhor do que todos eles como eu era ridículo, esse homem era eu próprio. E era precisamente isso o que mais me enraivecia: que não soubessem. Mas disso tinha eu a culpa. Fui sempre tão orgulhoso que por nada desse mundo o teria confessado a ninguém. E esse orgulho ia crescendo também em mim com os anos, e se eu me tivesse permitido confessar a alguém, fosse a quem fosse, espontaneamente, que era um homem ridículo, teria imediatamente metido um tiro na cabeça, na tarde do mesmo dia. Oh, quanto me fez sofrer, na minha mocidade, o medo de não poder talvez conter-me e de dizê-lo de repente, eu próprio, aos meus companheiros! Mas, com o andar do tempo, quando me tornei um rapazote e, apesar de continuar reconhecendo cada vez melhor todos os anos essa terrível condição minha, fui-me sentindo cada vez mais tranqüilo... não sei por quê... precisamente por alguma razão que ainda hoje ignoro. Talvez por, nessa altura, se ter introduzido na minha alma o receio perante determinado conhecimento que humanamente era mais elevado que o meu eu... e que foi a convicção adquirida de que tudo neste mundo é, afinal, uno.

Havia já muito tempo que o pressentira, mas a convicção plena só assentou no meu espírito no último ano e de uma maneira súbita. Senti de um momento para outro que para mim tudo era indiferente, que tanto me fazia que o mundo existisse como não. Pouco a pouco ia vendo e sentindo que não havia nada fora de mim. Parecia-me que, de fato, a princípio tinham existido muitas coisas, mas adivinhei igualmente depois que antes também não tinha havido nada, e que se assim me parecera foi por alguma razão. E, pouco a pouco, fui-me convencendo que daí para diante também não haveria nada. A partir dessa altura até agora deixei de preocupar-me mais com os mortais e quase e quase não voltei a dar-lhes atenção. O que não tardou a refletir-se sobre as coisas mais insignificantes, pois ocorria-me, por exemplo, quando andava pelas ruas, dar encontrões em toda a gente. E não se julgue que era

por ir afundando em meditações, isso não podia ser, porque eu já tinha de pensar em tudo, tudo me era indiferente. Ainda se ao menos me tivesse entregue à resolução de problemas! Mas não, nem um só resolvi na minha vida, e, isso, havendo-os aos pontapés. Mas como tanto me fazia, os problemas afastavam-se de mim sozinhos.

E mais para adiante, de repente, soube a verdade. Soube a verdade no último mês de novembro, precisamente a três de novembro, e desde então não se apagou da minha memória nenhum pormenor da minha vida. Foi numa noite tão escura, tão escura como nunca vi outra tão tenebrosa. Voltava para casa, aí pelas onze horas da noite, e ainda me lembro que ia pensando em que não poderia haver noite mais escura e mais lôbrega. Até em sentido físico. Todo o dia havia chovido, mas uma chuva extremamente fria e aborrecida, uma chuva dessas que deprimem o ânimo a tal ponto que ainda me lembro de sentir hostilidade contra os homens. E, de repente, a chuva parou e passou a sentir-se uma umidade terrível, ainda mais úmida e mais fria que a chuva, e de todos os lados levantou-se uma espécie de névoa que surgia de cada pedra da rua e de cada esquina, quando, ao passar, uma pessoa se punha a olhar a rua de longe. Ocorreu-me de repente pensar se os lampiões se teriam se apagado, seria muito melhor, porque com as luzinhas do gás tudo se tornava mais triste, pois a luz deixava ver tudo. Eu mal comera naquele dia e desde o escurecer que tinha estado em casa dum engenheiro. Não tinha aberto a boca durante todo esse tempo e calculo que a minha presença os aborrecesse. Falavam não sei de que, e, de repente, puseram-se a altercar, enredando-se na discussão. Mas, no fundo, nada daquilo os interessava, de maneira nenhuma, isso sabia eu, e se se acaloravam era por se acalorarem. Eu, de repente, fui e disse-lhes: “Deixem-se de discussões, que isso, para vocês, vem tudo a dar no mesmo”. Eles, em vez de o levarem a mal, não fizeram mais nada senão rir-se de mim. Porque eu não lhes tinha dito aquilo em ar de censura, mas porque tudo me

era indiferente. Eles percebiam claramente que para mim tudo me era indiferente e achavam graça ao caso.

Enquanto eu, pelas ruas, ia pensando na extinção dos lampiões, lembrei-me de erguer os olhos ao céu. Estava tremendamente escuro, mas distinguam-se com toda a nitidez umas grossas nuvens claras, que por ele vogavam, desgarradas, desfeitas, e entre elas, no espaço vazio, grandes manchas negras. De súbito descobri numa dessas manchas uma estrelinha. Parei e pus-me a observá-la, atento. Fiz isso unicamente porque aquela estrelinha me sugeriu uma idéia: decidi meter um tiro no corpo nessa mesma noite. Já dois meses atrás o tinha decidido assim solenemente, e, apesar de estar tão mal de dinheiro como estava, arranjava um bonito revólver, o qual tinha carregado naquele mesmo dia. No entanto, tinham já passado dois meses e o tal revólver continuava na minha gaveta, tão indiferente me era tudo, que queria esperar por um momento em que assim não fosse, embora ignorasse o motivo desse adiamento. E, quando voltava a casa todas as noites, durante esses dois meses, julgava que ia ser essa a noite em que eu dava o tiro. Estava sempre à espera do momento. E, de repente, aquela estrelinha sugeriu-me a idéia e resolvi terminantemente meter a bala no corpo nessa noite. Não sei é por que me teria a estrelinha sugerido tal idéia.

Mas sucedeu que, enquanto olhava o céu, uma menina me acotovelou. A rua estava já deserta, completamente deserta, e não se via viva alma por aqueles arredores. Apenas ao longe um cocheiro de *drójki* dormia sobre a boléia. Pode ser que a tal menina tivesse apenas oito anos, trazia um vestidinho muito fino, como agasalho trazia apenas um lenço, estava completamente encharcada pela chuva, mas o que mais me chamou a atenção foram os seus sapatinhos, rotos e molhados, de tal maneira que ainda me parece estar a vê-los. Saltaram-me à vista, de um modo estranho. De repente, a pequena bateu-me no braço e gritou não sei que. Não chorava, mas proferia algumas palavras, que não podia articular bem por causa do frio, como num

ladrido, e todo o corpo lhe tiritava. Estava tão assustada, era tal o seu medo, que no seu desespero não fazia mais senão balbuciar e gritar sempre o mesmo: “Mã! Mã!”. Voltei-me para olhá-la, mas não disse nada e segui o meu caminho, ela deitou a correr atrás de mim, puxando-me constantemente pelo braço e gritando nesse tom que, nas crianças assustadas, denota o desespero. Conheço esse tom. Ainda que a pequenina não exprimisse claramente o seu conflito por palavras, compreendi que a mãe estaria a morrer em casa ou que ali devia ter acontecido outra desgraça horrível, e que ela saía de casa para pedir o auxílio de algum transeunte, a fim de encontrar alguma coisa com que socorrer a mãe. Mas eu não segui na direção que ela me indicava, e até, pelo contrário, comecei a afugentá-la do meu lado. A princípio disse-lhe que ia procurar um guarda noturno. Mas ela abriu as duas mãos, implorante, e continuou a correr atrás de mim, soluçante, ansiosa. Parecia que tinha medo de perder-me. Eu então me adiantei e, de repente, bati com o pé no chão, e ela deu um grito. Gritava angustiosamente: “Meu rico senhor, meu rico senhor!...”. Mas depois parou e, de repente, deitou a correr pelo meio da rua, onde se via um vulto, deixando-me a mim para importunar outro.

Subi ao meu quinto andar. Tenho aí um quarto que aluguei a uma mulher. É um quarto miserável e pequeno, tem apenas uma clarabóia no teto. O meu mobiliário compõe-se de um divã, forrado de oleado, de uma mesa, sobre a qual tenho os meus livros, duas cadeiras e uma poltrona, esta, velha, velhíssima, mas muito cômoda. Sento-me nela, acendo a luz e ponho-me a pensar. No quarto contíguo, separado do meu apenas por um magro tabique, há já três dias que dura o rega-bofe. Vivia aí um capitão reformado, que também tinha hóspedes – seis homens. Estavam quase sempre jogando com um baralho velho e gorduroso. Nas noites anteriores bateram-se, e de dois deles sabia eu que se tinham mutuamente puxado os cabelos. A dona da casa pensou queixar-se, mas não se atreveu, por ter medo do capitão. Além dos sitios vizinhos, havia também na casa uma senhora muito franzina e magra,

uma provinciana com três filhos pequenos e que lhe adoeceram já aqui. Tanto ela como as crianças tem um medo ridículo do capitão, e sempre que tem hóspedes passam a noite em claro, tremendo e persignando-se, e o menorzinho até sofre de convulsões, de tão medroso. O tal capitão, sei-o muito bem, costuma algumas vezes pedir esmola aos transeuntes do Niévski Próspekt, e não se preocupa absolutamente nada com arranjar emprego, embora – coisa estranha-, durante todo o tempo que tem estado me casa, nunca me tenha incomodado de maneira nenhuma. É certo que eu, desde o princípio, evitei o seu convívio, e que fiz todo o possível por aborrecer-lo da primeira vez que veio ao meu cubículo, visitar-me, mas que gritem lá no seu quarto quanto quiserem... isso é-me indiferente. Eu passo a noite inteira sentado na minha poltrona, e, para dizer a verdade, nem os ouço... A tal ponto consigo esquecer-me deles e dos seus gritos. Mas passo toda a noite em claro... Há já um ano que isto acontece. Fico sentadinho na poltrona até que clareia, e sem fazer nada. Ler, só leio de dia. Estou sentado e nem sequer penso em nada, fico sentado tranqüilamente e deixo o pensamento vaguear. A luz consome-se numa noite. Sento-me à mesa, pego no revólver e coloco-o na minha frente. Ainda me lembro de que... quando o coloquei ali diante, perguntei a mim próprio: “Sim?” E que respondi com toda a tranqüilidade: “Sim”. Por isso decidi meter uma bala no corpo nessa mesma noite. Eu sabia que nessa mesma noite haveria de esfacelar irremediavelmente a caixa craniana, mas não sabia quanto tempo haveria de continuar ainda ali sentado até esse momento. E, não há dúvida nenhuma de que teria um tiro na cabeça nessa noite, se não fosse por causa daquela pequenina...

II

MAS VEJAM: apesar de tudo me ser indiferente, sentia, por exemplo, a dor, sim, a dor, senti-a. Se alguém me tivesse batido, teria sentido a dor. E o mesmo no terreno moral, se tivesse acontecido algo de triste, teria sentido piedade, tal como antes de tudo se me ter tornado indiferente. Por isso, daquela vez, senti compaixão, eu não tinha outro remédio senão prestar o meu auxílio a uma pequenina, fosse como fosse. Por que não o tinha prestado àquela? Porque, precisamente nesse momento, me ocorreu uma idéia: quando ela me puxou pelo braço e me falou, surgiu-me um problema para o qual não encontrava resposta. Era uma pergunta ociosa, mas, no entanto, aborrecia-me. Punha-me de mau-humor, devido à conclusão lógica a que eu chegara, a conclusão de que, uma vez que ia rebentar com a caixa dos miolos, tudo me devia ser indiferente. Mas por que sentiria eu então de repente que nem tudo me era indiferente e que tinha pena da pequenina? Ainda me lembro de que me inspirava uma autêntica piedade, sim, até ao ponto de sentir uma dor muito especial, inspirava-me piedade, uma dor que era absolutamente inverossímil e intempestiva, na situação em que me encontrava. Não, não consigo descrever bem o meu fugidio sentimento de então, mas esse sentimento ainda perdurava no meu espírito depois de eu ter entrado no meu quarto e depois de estar já sentado à mesa, e me encontrava tão agitado como havia muito não o estava. Uma apreciação traía a outra. No entanto é evidente que eu, apesar de ser um homem e não um zero, isto é, apesar de não me ter ainda transformado num zero, é evidente, repito, que estou vivo... e, por conseguinte, ainda posso aborrecer-me e sofrer sem sentir vergonha dos meus atos. Bem. Quanto a mim... Mas se eu, por exemplo, me mato dentro de duas horas, que pode importar-me essa pobre pequenina e que podem incomodar-me a vergonha e o mundo inteiro? Transformo-me num zero, num zero absoluto. E poderia realmente a consciência de que vou deixar de existir dentro em breve, e, por conseqüência, de que tudo vai também deixar de existir, não ter a menor influência sobre o sentimento de piedade que inspira

esse ser, nem sobre o sentimento de vergonha pela brutalidade em que uma pessoa tenha incorrido? Foi só por isto que eu bati com o pé no chão e lancei aquele grito tão furioso, porque queria demonstrar que eu... não só não sentia piedade alguma como também era capaz de cometer a grosseria mais desumana, já que dali a duas horas tudo estaria acabado e que já não existiria absolutamente nada. Acreditar-me-ão se lhes disser que foi só por isso que a afugentei? Estou absolutamente convencido disso. Naquele momento era para mim absolutamente evidente que a vida e o mundo dependiam quase unicamente de mim. Posso dizer mais ainda: que o mundo, agora, parecia quase criado para mim apenas... pois quando tivesse dado o tiro, o mundo deixaria de existir, pelo menos para mim. Isto para não falar sequer de que talvez realmente não houvesse nada mais para ninguém, depois de mim, e que talvez o mundo inteiro, quando o meu conhecimento se extinguisse, se desvanecesse imediatamente como uma visão, como um simples atributo desse conhecimento meu e deixasse de existir, pois talvez todo esse mundo e todos esses homens sejam... unicamente eu mesmo. Lembro-me de que ia abandonando todas essas novas perguntas, que me assaltam uma atrás da outra, e pensava qualquer coisa completamente nova para mim. Tudo isto, sentado na minha poltrona, sempre a pensar. E, de repente, entre outros, ocorreu-me um pensamento estranho: se eu, por exemplo, tivesse vivido na Lua noutro tempo, ou no planeta Marte, e cometido aí alguma ação incrivelmente desonesta, a mais desonesta que imaginar se possa, e devido a essa ação me tivesse visto aí ultrajado e desonrado de uma maneira como só às vezes pode ver-se nos sonhos, sob o influxo de um pesadelo, e depois, na Terra, não me abandonasse a recordação daquilo que eu tivesse feito nos outros planetas, e soubesse, além disso, que jamais, fosse como fosse, havia de voltar a esses outros planetas – pergunto então: “Quando eu olhasse a Lua, cá da Terra, tudo seria para mim indiferente... ou não? Envergonhar-me-ia ou não, então, dessas minhas ações?” Essas perguntas eram ociosas ou

supérfluas, visto que estava ali o revólver diante dos meus olhos, em cima da mesa, e que eu sabia de certeza absoluta que aquilo havia de acontecer infalivelmente... Mas, no entanto, essas perguntas punham-me e molestavam-me. Parecia-me que afinal não podia morrer sem ter, de qualquer maneira, resolvido esses problemas. Em resumo: aquela pequenina salvou-me, pois, devido àquelas perguntas, adiei a minha morte. Entretanto, no quarto do capitão reinava o silêncio, o dono da casa e os hóspedes tinham acabado de jogar e preparavam-se para dormir, embora sem deixarem de resmungar ou de insultar-se até ao fim, na sua bebedeira. E então sucedeu-me adormecer de repente, coisa que nunca antes me acontecera, sentado na poltrona, junto da mesa. Adormeci de um momento para o outro.

Como se sabe, os sonhos são uma coisa muito estranha. Percebemos neles, com uma clareza assustadora, com uma artística elaboração, certos pormenores, ao passo que passamos outros completamente por alto, como se não existissem, sucedendo assim, por exemplo, com o tempo e com o espaço. Creio que os sonhos não os sonha a razão, mas o desejo, não a cabeça, mas o coração, e, no entanto, sobre que coisas tão complicadas passa às vezes a minha razão, no sonho! Coisas absolutamente incompreensíveis. Por exemplo: há cinco anos que morreu o meu irmão, mas eu costumo vê-lo freqüentemente nos meus sonhos, toma parte em tudo quanto me interessa, falamos longamente de tudo quanto se possa imaginar, mas, ao mesmo tempo, tenho sempre a consciência e nunca me esqueço um momento que há já muito tempo que o meu irmão está morto e enterrado. Mas a que é devido o fato de eu não estranhar, de maneira nenhuma, a sua presença? Que não me espante que o morto se sente junto a mim e que me fale? Por que não se revolta a minha razão? Mas já chega. Vou agora falar-lhes do meu sonho. Sim, nesse tempo tive eu aquele sonho, o meu sonho de três de novembro. Os senhores dir-me-ão, agora, que se tratou apenas de um sonho. Mas é completamente indiferente que fosse um sonho ou não fosse, uma vez que

este sonho me tivesse revelado a verdade? Porque uma vez que se reconheceu a verdade, depois que ela se vê, já sabemos que é a verdade única, que fora dela não pode haver nenhuma outra, quer estejamos adormecidos ou acordados. Pois bem: se é um sonho, por mim, admito-o. Mas essa vida, que os senhores tanto apreciam, estava eu disposto a deixá-la servindo-me do suicídio, ao passo que o meu sonho, o meu sonho... ah, o meu sonho veio revelar-me uma vida nova, grande, maravilhosa!

Atenção.

III

DIZIA EU que me deixara adormecer sem dar por isso, parecia-me que não fazia outra coisa senão continuar meditando acerca desses problemas. De repente, pego no revólver – isto é, pareceu-me que pegava nele em sonhos, que o aponto ao coração, ao coração e não à cabeça, quando afinal eu decidira antes meter um tiro na cabeça, irrevogavelmente na cabeça, e, para melhor precisão ainda, na fonte direita. Depois de apoiar o cano contra o peito, esperei um segundo, apenas um segundo, e a luz, a mesa e a parede começaram de repente a cair-me por cima e a dançar. Apertei rapidamente o gatilho.

Costumamos sonhar às vezes que nos despenhamos de uma grande altura ou que nos matam ou nos batem, mas não sentimos nenhuma dor, nesses casos, a menos que uma pessoa se magoe na cama: nesse caso, sim, sentimos uma dorzinha que nos acorda. Pois foi isso mesmo o que me aconteceu no meu sonho de então: não senti dor, mas pareceu-me que, por causa do tiro, tudo de mim...se tinha partido e de repente se desfazia, e tudo à minha volta ficava mergulhado numas trevas pavorosas. Quedei-me, quase cego e mudo, e compreendi que estava estendido sobre qualquer coisa dura, de boca para cima, e não via nada nem podia fazer o menor movimento. E a

minha volta passavam pessoas, que gritavam, ouvia a voz de baixo do capitão e a vozinha de soprano da dona da casa, e, de repente, outra pausa... e começam a colocar-me no caixão, e sinto como os portadores do meu ataúde cambaleiam ao caminhar, e ponho-me a pensar nisso, e de repente tomo pela primeira vez consciência de que estou morto, de que sou um defunto, do que não tenho a mínima dúvida, que não vejo nem posso mover-me, se bem que, apesar de tudo, sinto e penso. Mas não tarda que me resigne, e, como costumamos fazer nos sonhos, aceito a realidade sem ripostar.

Mas eis que me arrojam a uma cova profunda e me enterram. Todos se retiram e fico ali sozinho, completamente só, o que pode dizer-se absolutamente sozinho. Dantes, quando me punha a pensar no dia em que me enterrassem, a idéia do sepulcro estava unicamente unida a uma sensação de umidade e de frio. E assim era também agora, eu sentia muito frio, sobretudo nas pontas dos dedos, mas, além disso, não sentia mais nada.

Jazia no sepulcro e, coisa estranha... não esperava nada, pois aceitava sem contradição a idéia de que um morto nada tem que esperar. Mas aquilo estava muito úmido. Não sei, entretanto, que tempo teria decorrido: se uma hora, se alguns ou muitos dias. Quando, de repente... me vem bater no olho esquerdo, que tinha fechado, uma gotinha de água fria, que se tinha infiltrado pela tampa do caixão, decorreu um minuto e uma segunda gota me salpicou, depois uma terceira, e assim sucessivamente, sempre, de minuto em minuto. Isso produziu-me uma contrariedade violenta, e de repente senti uma dor física no coração. “É a ferida – pensei - , foi aí que a bala se alojou”. Mas o gotinha continuava a cair a cada minuto e sempre exatamente no meu olho esquerdo. E então gritei, não com a minha voz, visto que não podia fazer movimento algum, mas com todo o meu ser, para o autor de tudo aquilo que me sucedia:

- Ó quem quer que sejas, se é que existes e que há alguma coisa de mais razoável do que aquilo que me sucede, ordena-lhe também que imponha aqui

o seu domínio. Mas se queres castigar-me pelo meu insensato suicídio com a insensatez de continuar a existir, fica sabendo que nada do que me esteja reservado pode comparar-me com o desprezo que eu sentirei em silêncio, ainda que a minha tortura e o meu martírio possam durar milhões de anos.

Gritei assim e depois calei-me. Teria durado perto de um minuto aquele profundo silêncio e, passado esse tempo, tornou a cair sobre o meu olho fechado a já costumada gota, mas eu sabia, sabia de um modo infinito e inquebrantável, que tudo iria mudar imediatamente. E eis que, de súbito, se abre o meu sepulcro. Isto é, eu não sei ao certo se me o teriam aberto, o certo é que um ser obscuro, e para mim desconhecido, se apoderou de mim, e partimos ambos para os espaços interplanetários. E de repente recuperei a vista, era noite, noite profunda, e nunca, nunca eu tinha visto obscuridade semelhante. Atravessamos os espaços siderais, já muito longe da Terra. Não fiz pergunta alguma ao meu condutor, esperava e sentia um orgulho imenso. Assegurei-me de que não tinha medo e quase desfalecia de gozo ao pensar que não o tinha. Não sei quanto tempo teríamos voado assim pelos espaços, nem consigo imaginá-lo bem, tudo aquilo aconteceu como costumam acontecer as coisas nos sonhos, ultrapassando as leis da razão, o espaço e o tempo, e ficando tudo limitado àquilo que o nosso coração sonha. Lembro-me de que, de súbito, no meio daquelas trevas divisei uma luzinha.

- Será Sírius? – perguntei-lhe contra minha vontade, pois não queria perguntar nada.

- Não, essa é a mesma estrelinha que tu viste entre as nuvens, quando voltavas para casa – respondeu-me o ser que me conduzia, e do qual eu sabia somente que tinha um rosto humano. Mas, coisa estranha: aquele ser não me era simpático e inspirava até uma profunda aversão. Eu tinha contado com o não-ser absoluto e, partindo dessa hipótese, tinha decidido suicidar-me. E agora me encontrava nos braços dum ser que não era, evidentemente, um ser

humano, mas que nem por isso deixava de ser uma realidade, e era-o efetivamente.

“Portanto há uma vida depois da morte! – pensei eu com essa estranha rapidez daquele que dorme, se bem que a essência fundamental do meu coração conservasse em mim toda a sua profundidade. – Já que tenho de existir outra vez e outra vez tenho de viver, por mandato de não sei que vontade inapelável, não quero que ninguém me vença nem me humilhe!”.

- Tu sabes que eu tenho medo de ti e é por isso que me desprezas – disse de repente para o meu condutor. Não tinha podido conter-me e tinha-lhe feito a humilhante pergunta que trazia implícita a confissão, e sentia no meu coração a dor do meu vexame, como uma punhalada. O ser não respondeu à minha pergunta, mas senti subitamente que ele não me desprezava nem se ria de mim, e que nem sequer se apiedava, e que o nosso vôo tinha uma finalidade, uma meta desconhecida e misteriosa, e que só a mim interessava. E o temor cresceu no meu coração. Algo emanava do meu mudo condutor, em silêncio, mas dolorosamente, sobre mim, e me oprimia o coração. Atravessávamos obscuras e ignoradas esferas. Havia já muito tempo que tinham desaparecido da minha vista as constelações conhecidas. Eu sabia que nos espaços interplanetários há astros cujos raios de luz levam milhares e até milhões de anos a chegar à Terra. Mas é possível que tivéssemos percorrido já distâncias ainda maiores. Eu esperava não sabia o que, e a nostalgia torturava o meu coração. E, de súbito, surgiu em mim um sentimento conhecido, familiar, vi o Sol! Eu sabia que não podia ser o nosso Sol, o pai da nossa Terra, o que engendrou a nossa Terra, mas compreendi, em virtude não sei de que, com o meu ser, que aquele Sol era um Sol absolutamente como o nosso, que era a sua reprodução e o seu duplo. Um doce, animador sentimento encheu de prazer a minha alma, a preciosa, corpórea força da luz que me tinha engendrado, encontrou repercussão na

minha alma e fê-la ressuscitar, e eu senti a vida, a vida de outrora, pela primeira vez depois do meu enterro.

- Visto que existe o Sol e é um Sol completamente igual ao nosso – exclamei -, onde está a Terra?

E o meu companheiro apontou-me uma estrelinha que despedia um brilho esmeraldino. Voávamos precisamente por cima por cima dela.

- Como é possível existirem no Universo tais cópias? Será essa, verdadeiramente, a lei do Universo? E, se esta é a Terra, diz-me: será uma Terra como a nossa... uma Terra também desditada e pobre, mas não menos apreciada e querida, que inspire o mesmo doloroso amor aos seus mais ingratos filhos, como a nossa Terra? – exclamei, tremendo com um amor arrebatado, audaz, irreprimível, por aquela Terra sagrada, a lôbrega e enxovalhada Terra que acabava de abandonar. E a figurinha da pequenina, que eu espantara com um grito, surgiu instantaneamente na minha memória.

- Hás de ver com os teus próprios olhos – respondeu o meu companheiro, e uma tristeza vibrava na sua voz.

Aproximávamo-nos velozmente do planeta. Este agigantava-se diante dos meus olhos, e eu podia já distinguir os oceanos, perceber depois os contornos da Europa, e, de repente, acordou no meu coração uma grande e sagrada inveja.

- Como poderia existir uma cópia, e qual a finalidade da sua existência? Eu amo e só posso amar essa Terra que acabo de deixar, na qual perduram ainda as gotas daquele sangue, que ingrato!, derramei ao desprender-me da vida. Mas nunca, nunca deixei de amar a nossa Terra, e talvez até aquela noite em que a abandonei tivesse sido o momento em que a ameí mais apaixonada e dolorosamente! Existe também a dor nesta nova Terra? Será que, na nossa, só podemos viver com a dor ou graças a ela? Não sabemos amar de outro modo nem conhecemos outro amor. Eu quero dor para poder amar. Quero, sim,

neste momento apenas anseio por poder beijar, banhado em lágrimas, a Terra que abandonei! E não quero, não aceito nenhuma outra vida senão a da nossa Terra!

Mas o meu companheiro já me tinha deixado. Tinha chegado, sem me ter apercebido, àquela outra Terra, à clara luz solar de um dia de paradisíaca beleza. Creio que me encontrava numa daquelas ilhas que formam o arquipélago helênico, se não era, porventura, algum ponto da costa que ali circunda o mar Egeu. Oh! Era tudo tal como entre nós, simplesmente tudo parecia encontrar-se numa disposição firme e resplandecer numa grande vitória, santa e finalmente conquistada. O mar suave, de um azul-escuro, batia suavemente contra o litoral e cingia-se contra ele com um imenso, visível e quase inconsciente amor. As árvores sombrias apareciam em todo o esplendor da floração, e estou convencido de que as suas folhas inumeráveis me davam as boas-vindas com o seu leve e amistoso sussurro, murmurando-me ignoradas palavras de amor. A relva ostentava uma verdura muito fresca e brilhante; os pássaros cruzavam em bandos pelo ar, e os passarinhos pousavam-me, sem ponta de medo, nos ombros e nos braços, e davam-me alegres pancadinhas com as suas asinhas trêmulas, e, finalmente, eu olhava e reconhecia também os homens daquela Terra feliz. As pessoas chegavam-se a mim espontaneamente; rodeavam-me e davam-me beijos. Eram filhos do Sol, filhos do seu Sol... Oh, e como eram bonitos! Nunca eu vi na nossa Terra homens tão belos. Quando muito poderemos encontrar nas crianças, nos seus mais tenros anos, um reflexo fraco e longínquo de semelhante formosura. Esses homens felizes tinham rostos claros e cheios de luz. No seu rosto transparecia a inteligência e um saber que, permita-se a expressão, parecia completo até à tranquilidade, e, no entanto, esses rostos respiravam um alvoroço especial; tanto as palavras como a voz desses homens demonstravam uma alegria pueril. Oh, ao primeiro olhar que pousei naqueles rostos, compreendi logo tudo, tudo! Aquela era a Terra, a Terra não manchada pelo

pecado original, na qual viviam homens que não tinham pecado, e viviam num Paraíso idêntico àquele em que, segundo todas as tradições da Humanidade, viveram os nossos primeiros pais antes da “queda”, sem a mínima diferença, a não ser que a Terra toda era, por todo lado, um só Paraíso. Aqueles homens aproximavam-se de mim com afetuosidade, sorriam-me e acariciavam-me; conduziam-me ao seu lar e todos se esforçavam, à porfia, por me tranquilizarem. Oh!, não me faziam pergunta alguma; pareciam saber de tudo, e só ansiavam por afugentar, o mais depressa possível do meu rosto, todo vestígio de dor.

IV

AGORA VEJAM: admitamos que tudo isso foi apenas um sonho. Mas a sensação de amor, que aqueles homens belos e inocentes me demonstraram, perdura em mim através do tempo, e eu sinto como esse amor, já distante, tomba sobre mim. Vi-os, conheci-os, amei-os, e, mais tarde, sofri por eles. Oh! compreendo, e compreendi-o desde o primeiro instante, que eu não poderia entendê-los em muitas coisas; parecia-me incompreensível, como parece aos progressistas russos contemporâneos e aos maus petersburgueses, o fato de, sabendo eles tanto como sabiam, não possuírem a nossa ciência. Mas não tardei a comprovar que a sua ciência se nutria de conhecimentos diferentes dos da Terra, e que as suas preocupações eram também de outra índole. Não tinham desejos; estavam tranquilos e contentes; não aspiravam, tanto como nós, a conhecer a vida, pois a sua vida estava completamente preenchida. Mas o seu saber era mais fundo e elevado que a nossa ciência, porque a nossa ciência procura explicar a vida, pretende ser ela mesma a cimentá-la, para mostrar aos homens como devem viver, e isto compreendi-o eu, ao passo que eles já sabem como hão de viver, e isto percebo eu, ainda que

não possa compreender a sua ciência. Mostravam-me eles as suas árvores, mas eu não podia sentir do mesmo modo que eles a grandeza do amor com que contemplavam: tal como se as tais árvores fossem homens. E vejam: pode ser que não me engane ao dizer que até falavam com elas. Sim, conheciam a sua língua e estou convencido de que as árvores os entendiam. E olhavam da mesma maneira todo o resto da Natureza e os animais que pacificamente viviam com eles, e, longe de atacá-los, amavam-nos, vencidos pelo seu amor. Apontavam para os outros e diziam-me qualquer coisa que eu não compreendia; mas estou convencido de que estavam em relações com as estrelas do Céu, não por meio do pensamento, mas de outro modo. Oh!, aqueles homens não se esforçavam para que eu os compreendesse; amavam-se sem necessidade disso; mas, além disso, eu sabia que tampouco eles me compreenderiam jamais, e por isso nunca lhes falei da nossa Terra. Limitava-me a beijar diante deles a Terra em que viviam, e a adorá-la, e eles viam isto e deixavam que eu o fizesse, sem dizerem nada, sem se envergonharem de que eu a amasse ao mesmo tempo que eles. Não sofriam por minha causa, quando, arrasado em pranto, lhes beijava os pés, pois sabia o amor com que me o pagavam. Às vezes perguntava a mim próprio, admirado: como poderiam eles ofender, uma vez que fosse, um homem como eu, ou como poderiam suscitar tampouco em mim um sentimento de inveja ou de ciúme? Às vezes perguntava também a mim próprio como é que eu, como se fosse um embusteiro e enganador, não lhes comunicava alguns dos meus conhecimentos, de que, naturalmente, não tinham a menor idéia, para fazê-los cair no espanto, ou simplesmente por amor deles... Eram bonacheirões e joviais como crianças. Vagueavam por entre os seus bosquezinhos magníficos e floridas pradarias, entoando lindas canções, e sustentavam-se dos frutos das árvores e do leite dos animais que os acompanhavam. Preocupavam-se pouquíssimo com a alimentação e com o vestuário. O amor existia também entre eles e geravam filhos; mas nunca verifiquei que fossem vítimas desses

arrebatamentos de cruel lascívia, que se apoderam de quase todos os homens desta nossa Terra, de todos, sem exceção de nenhum, e que constitui a única origem de quase todos os pecados da nossa humanidade. Alegravam-se com os recém-nascidos, como novos co-participantes da sua felicidade. Não conheciam nem a luta nem a inveja, e nem sequer sabiam o que isso fosse. Os filhos dos outros eram também seus filhos, pois formavam todos uma só família. Quase não tinham doenças, contando com a morte; e os seus velhos extinguíam-se suavemente, como se dormissem, rodeados dos seres queridos, deitando bênçãos, sorrindo e acompanhados pelos seus olhares claros e alegres.

Nunca vi dor nem lágrimas à cabeceira dum moribundo, mas um amor exaltado até ao êxtase, até um fervor tranqüilo e puro. Poder-se-ia quase acreditar que até depois da morte continuavam em comunicação com os seus mortos, e que ela não interrompia a sua vida terrena. Mal me compreendiam quando eu os interrogava acerca da vida eterna; mas, pelos vistos, estavam tão convencidos da sua existência que nem por um momento se lembravam de pô-la em dúvida. Não tinham templos, mas mantinham-se numa identificação vital com o Todo; não professavam crença alguma, mas possuíam a convicção de que, quando as suas alegrias terrenas tivessem alcançado os limites da natureza terrena, viria para todos eles, tanto para os vivos como para os mortos, um mais íntimo contato com o Todo. Aguardavam alegremente esse momento, mas não ansiavam por que chegasse nem sofriam por causa disso, tinham já como que o seu gozo antecipado na sua alma, e comunicavam-no entre si uns aos outros. À noite, antes de adormecerem, cantavam em coros harmoniosos. Expressavam nessas canções vespertinas os sentimentos que experimentavam durante o dia, e gabavam e estimavam o dia que tinha passado, despedindo-se dele. Louvavam a Natureza, a Terra, o mar e os bosques. Louvavam-se e elogiavam-se mutuamente nas suas canções, da mesma maneira que se louvam as crianças; as suas canções eram singelas, mas

punham nelas o seu coração e aos corações elas chegavam. E não só nas suas canções, mas na sua vida toda, não faziam outra coisa senão amarem-se uns aos outros. Era, na verdade, uma vida de amor recíproco, uma vida grande, universal amor. Mas alguns dos seus cânticos, que tinham uma expressão triunfal e inspirada, não consegui compreender-los. Por mais que entendesse a sua letra, não podia penetrar todo o seu sentido. Eram intangíveis para a minha razão, ainda que cada vez penetrassem mais fundo no meu coração, sem que eu pudesse aperceber-me do que se passava. Costumava dizer-lhes que já anteriormente eu tinha adivinhado tudo aquilo; que já na nossa Terra o pressentimento de toda aquela aventura, daquele jubiloso cântico de louvor, me tinha feito experimentar um entusiasmo estéril e às vezes excessivo; que tudo aquilo eu o tinha visto já nos sonhos da minha alma e nos meus sentidos; que lá longe, na nossa Terra, por mais de uma vez me arrancara lágrimas o pôr do Sol; que sempre tinha havido dor no meu ódio aos homens da nossa Terra. Por que não podia eu odiá-los, visto que não os amava; por que não podia perdoar-lhes, por que me fazia sofrer amá-los, por que podia amá-los odiando? Eles me escutavam, e eu via claramente que não podiam imaginar nada disto, mas não me arrependia de ter-lhes falado nessas coisas; sabia que eles compreendiam todo o poder da minha nostalgia por aqueles a quem tinha abandonado. Sim, quando eu sentia pousar-se em mim o seu diáfano e aprazível olhar, trespassado de amor, sentia como entre eles também o meu coração se tornava puro e inocente como o seu, não lamentava não poder entendê-los. Faltava-me o alento, por sentir tão intensamente a plenitude da vida, e ficava em silêncio adorando-os.

Oh! toda a gente se ri agora na minha cara e me afirma que não pode ver-se nada semelhante ao que estou descrevendo; que, no meu sonho, mais não fiz do que experimentar um sentimento elaborado pelo meu próprio coração e que todos esses pormenores os devia ter arquitetado depois, já desperto. E quando concordei e disse que podia ser que tivessem razão... sabe

Deus as gargalhadas, a hilaridade que as minhas palavras provocavam. Naturalmente, eu estava apenas dominado pelo sentimento do sonho, e só este único sentimento perdurava no meu coração, que sangrava. Mas, além disso, as visões e as figuras reais do meu sonho, isto é, aquelas que eu vira precisamente durante a hora do meu sonho, conservavam entre si tal harmonia, eram tão perfeitas, tão encantadoras, sedutoras e belas, que, ao acordar, como é natural, não era capaz de tornar a dar-lhes vida na nossa pobre linguagem. Por isso tiveram, naturalmente, que empalidecer na minha consciência e desvanecerem-se, e talvez por isso me sentisse realmente obrigado a imaginar depois inconscientemente os pormenores, aos quais teria encomendado decididamente a missão de reproduzir, dado o meu apaixonado desejo, que era, de certo modo pelo menos, o sentimento principal. Mas, no entanto, por que não acreditar que tudo foi real? Pode ser que fosse mil vezes melhor, mais radiante e belo do que eu descrevo. Pode ser que fosse um sonho, mas não é possível que o fosse completamente. Olhem, vou confiar-lhes um segredo: talvez tudo isso nem sequer de longe fosse um sonho. Pois sucedeu nisto algo do gênero, algo tão real até à saturação, que uma pessoa nem sequer teria podido sonhá-lo! Pode ser que fosse a minha alma que engendrasse esse sonho; mas como poderia ela ter engendrado sozinha essa terrível verdade que eu senti mais tarde? Como teria podido eu imagina-la ou sonhá-la o meu coração sozinho? Seria possível que o meu insignificante coraçãozinho e a minha humilde e caprichosa razão tivessem podido ascender a semelhante revelação da verdade? Oh!, julguem os senhores por si mesmos; até este momento não falei no caso, mas agora vou dizer a verdade toda.

A conclusão foi eu ter.... estragado tudo aquilo.

V

SIM, SIM; a conclusão foi eu ter estragado tudo. Como isso foi... é que eu não sei. Já não me lembro como é que sucedeu. O sonho durou milhares de anos e apenas me deixou uma impressão de conjunto... Só me lembro de que a queda do pecado original fui eu. Como uma espantosa trinquina, qual pestífero bacilo que devasta a Terra, assim devastei eu toda aquela Terra inocente e feliz. Aqueles homens aprenderam a mentir, tomaram gosto à mentira e reconheceram como eram belos. Oh!, pode ser que, a princípio, o fizessem inocentemente, por puro jogo, por diversão, que apenas se tratasse de um bacilo; mas este átomo de mentira enraizou-se nos seus corações e foi do seu agrado. Não tardou que dele derivassem a voluptuosidade, e esta voluptuosidade engendrou a inveja, e esta, a crueldade. Oh!, não sei, não me lembro já como, mas não tardou que se vertesse a primeira gota de sangue; a princípio apenas sentiram espanto; mas depois assustaram-se e começaram a afastar-se uns dos outros. Vieram as censuras e as incriminações. Conheceram a vergonha e erigiram-na em virtude. Surgiu o conceito da honra e cada bando se uniu à sombra da sua bandeira. Começaram a torturar os animais, e os animais afastaram-se deles, foram ocultar-se nos bosques e tornaram-se seus inimigos. Iniciou-se a luta pela separação, pela particularização, pela personalidade, pelo “teu” e pelo “meu”. Começaram a falar várias línguas. Conheceram a dor e tomaram-lhe o gosto; ansiavam pelo sofrimento e diziam que a verdade só se comprava pelo preço do martírio. Depois surgiu a ciência. Como se tinham tornado maus, deram em falar de fraternidade e de humanidade, e compreendiam estas idéias. Como se tinham tornado criminosos, inventaram a justiça e redigiram códigos para a encerrarem neles, e, para assegurar o cumprimento desses códigos, ergueram a guilhotina. Mal se recordavam daquilo que tinham perdido e não queriam acreditar que alguma vez tivessem sido inocentes e felizes. Riam-se até da possibilidade dessa sua felicidade passada e tachavam-na de sonho fantástico. Nem sequer podiam fazer uma idéia desse estado, e acontecia, além disso, uma coisa estranha:

agora que tinham perdido toda a fé na felicidade pretérita e a classificavam de fantasia, empenhavam-se a tal ponto a voltar a ser inocentes e felizes que se ajoelhavam como crianças ante os desejos dos seus corações; adoravam esses desejos, erguiam-lhes templos e oravam à sua própria idéia, ao seu próprio “querer”, ao mesmo tempo que continuavam a acreditar, com uma convicção inabalável, na possibilidade de cumprirem e realizar essa idéia, apenas de implorarem por ela de joelhos. E, no entanto... se pudesse ter-se dado o caso de voltarem outra vez àquele inocente e venturoso estado que perderam; se alguém os tivesse consultado, perguntando-lhes: “Quereis voltar a ele?”, ter-lhes-iam respondido resolutamente que não. A mim diziam-me: “Bom, seremos mentirosos, maus e injustos; sabemos-lo e lamentamo-lo, e essa é a nossa tortura, e talvez por isso nos atormentemos e castigemos mais do que faria esse Juiz misericordioso que há de julgar-nos no futuro, mas cujo nome nos é desconhecido. Mas, em compensação, possuímos a ciência, e graças a ela havemos de tornar a encontrar a verdade, e então aceitá-la-emos já com consciência. O saber está acima do sentimento; o conhecimento da vida... acima da própria vida. A ciência far-nos-á oniscientes; a onisciência conhece todas as leis, e o conhecimento da lei da felicidade.... está acima da própria felicidade.” Eram assim que eles me falavam, e, a avaliar por tais palavras, cada um deles se tornaram mais apreciador de si mesmo que dos outros; se tinha valorizado a si mesmo mais de que tudo no mundo; sim... e não poderia ter sido de outro modo. Tornaram-se todos tão ciosos do seu eu que cada um se afanava por rebaixar, oprimir e diminuir o eu do próximo, por todos os meios possíveis, e só nisto se resumia a sua vida. Desenvolveu-se a escravatura e surgiram até escravos voluntários; os fracos submeteram-se com gosto aos mais fortes, mas com a condição de que estes os ajudassem a subjugar os mais fracos do que eles. Surgiram entre eles profetas que lhes falavam do seu orgulho chorando, da perda da medida e da harmonia do sentimento do pudor. Mas eles riam-se e troçavam desses profetas e acabavam por lapidá-los.

Sangue sagrado correu sobre os umbrais do templo. Mas também havia homens que começaram a discutir a maneira de voltar a uni-los a todos, sem que deixassem, entretanto, de querer a si mesmos mais que a ninguém, nem prejudicar aos outros, para que todos tornassem, assim, a viver em comum, formando uma só amistosa e concorde sociedade. Esta idéia foi, entre eles, causa de grandes guerras. Todos os beligerantes acreditavam ao mesmo tempo que a ciência, a onisciência e o instinto da própria conservação obrigariam finalmente os homens a unirem-se numa sociedade razoável e cordata, para o que, no entanto, se esforçavam os “oniscientes”, a fim de acelerar as coisas, por exterminar todos os não oniscientes e a quantos não compreendiam a sua idéia, a fim de que não fossem um obstáculo para o seu triunfo. Mas não tardou que diminuísse o sentimento geral da própria conservação e surgissem voluptuosos e soberbos que proclamavam abertamente que desejavam tudo ou nada. Registraram-se proezas de todo gênero, e, quando não conseguiam nada com elas... restava o recurso do suicídio. Houve religiões consagradas ao culto do não-ser e do próprio aniquilamento, em honra do eterno repouso em o nada. Até que, por fim, aqueles homens se cansaram dos seus absurdos esforços e nos seus rostos se refletiu a dor, e proclamaram: a dor é beleza, pois só a dor tem sentido. E cantaram a dor nos seus poemas. Eu andava numa agitação entre eles, torcia as mãos e chorava; mas amava-os, no entanto, e talvez mais do que antes, quando no seu rosto não assomava ainda nenhuma dor e eram belos e inocentes. A Terra por eles manchada parecia-me então mais valiosa do que antes, quando era um paraíso, e isso apenas porque nela aparecera a dor. Oh, eu sempre amei a dor e a tristeza, mas só para mim, só para mim! Mas, como agora sofriam eles também, chorava de compaixão. Estendia-lhes as minhas mãos e, no meu desespero, acusava-me, amaldiçoava-me e desprezava-me a mim próprio. Dizia-lhes que tudo aquilo era obra minha; que eu, apenas eu e mais ninguém, é que tinha a culpa de tudo. Que eu lhes tinha levado a corrupção, a peste e a mentira. Pedia-lhes que me

crucificassem, ensinava-lhes a armar uma cruz e a levanta-la. Eu não me podia matar a mim mesmo; não tinha coragem para fazê-lo; mas queria sofrer o tormento pelas mãos, suspirava por derramar o meu sangue até à última gota no suplício. Mas eles não faziam mais do que rir-se de mim, acabando por dizer que eu era um doido acabado. Até me defendiam, dizendo que não tinham, agora, mais do que aquilo que tinham desejado, e que tudo isso acontecera porque tinha, fatalmente, de acontecer. E por fim declararam que eu constituía um perigo para eles, e que, portanto, tinham resolvido encerrar-me num manicômio, se não desistisse das minhas prédicas. Quando os ouvi dizer isto, foi tão grande a dor que me trespassou a alma que o meu coração se confrangeu e eu me senti morrer, e... foi então que despertei do meu sonho.

*

Era já manhã; o sol ainda não se tinha erguido, eram seis da manhã. Acordei na minha poltrona; a luz tinha-se extinguido completamente; no quarto contíguo dormiam o capitão e a sua gente, e na casa reinava um estranho silêncio. A princípio estremei, assombrado; nunca me tinha acontecido nada de semelhante; até as coisas pequenas me impressionavam; por exemplo, jamais adormecera dessa maneira, na poltrona. E depois... enquanto me punha de pé e acabava de despertar, fixei de repente a vista no revólver, no revólver carregado, mas no mesmo instante atirei-o para longe. Oh, vida, grande e sagrada vida! Abri os braços e invoquei a verdade eterna; soluçava; entusiasmo, um entusiasmo incomensurável enchia todo o meu ser. Sim, vida e ... anunciação! A anunciação ficou decidida para mim naquele mesmo instante... decidida para toda a minha vida. Irei, irei e anunciarei! O que?... A verdade, uma vez que a vi, que a vi com meus próprios olhos, e reconheci toda a sua magnificência!

E desde então anuncio a boa nova!... Amo-os a todos, e, mais que a ninguém, aqueles que se riem de mim. Por que amo mais a estes? Não sei, nem tampouco posso explicá-lo, mas é assim. Dizem que estou enganado...

Mas, se agora estou enganado, como será mais para diante? Sim, é provável que tenham razão; estou enganado e quanto mais estiver, talvez seja pior. Provavelmente ainda incorrerei em erro com frequência, até aprender como é que se deve pregar, isto é, com que palavras e com que atos, pois é difícil sabe-lo. Agora já é para mim tão claro como a luz; mas escutem uma coisa: quem é que não erra? E, no entanto, todos se afadigam por um mesmo objeto; todos, desde o sábio ao último criminoso, simplesmente procedem de maneira diversa. É esta uma verdade já velha; mas eis aqui outra nova: eu não posso enganar-me, assim, tanto. Pois eu vi a verdade, sei-o; os homens podem tornar-se belos e felizes sem que, para isso, tenham de deixar de viver na Terra. Eu não quero nem posso crer que a maldade seja o estado normal do homem. Mas eles troçam desta minha crença. Não acreditam em mim! Eu vi a verdade! Não que a tenha descoberto com a minha inteligência, não: vi-a, o que se chama ver, e o seu rosto vivo preencheu a minha alma para toda a eternidade. Vi-a numa integridade tão completa que... como poderia acreditar agora que essa verdade não possa existir também entre os homens? E como, como poderia eu estar enganado? Talvez ande um pouco desorientado, é possível também que empregue palavras estranhas mas isso não deve durar muito; a imagem viva do que vi viverá em mim eternamente e servir-me-á de norte e de guia. Oh!, eu estou muito contente e esperançado, e não me cansarei de andar, ainda que peregrine durante mil anos. Olhem: a princípio, queria esconder de vós que tinha sido o causador da sua perdição; mas isso teria sido falta da minha parte... pois assim tínhamos já a primeira culpa. Mas a verdade dizia-me ao ouvido que eu mentia, salvava-me do erro e dirigiu-me para o caminho reto. Mas não consegui saber como é que alcançaram o Paraíso, pois não consigo exprimi-lo por palavras. Perdi as palavras no sonho. Pelo menos todas as palavras necessárias, as mais precisas. Mas isso não importa; eu caminharei por esses mundos e anunciarei a boa nova, uma vez que vi com os meus próprios olhos, ainda que não possa exprimir o que vi.

Mas é isto precisamente que não podem compreender os trocistas. “Teve um sonho, como ele próprio diz; um delírio febril, uma alucinação.” Ah! Isso é sensato? E ficam todos inchados. Um sonho? Mas que é um sonho? Não será a nossa vida um sonho? Esperem, que vou dizer-vos ainda mais. Bem, admitamos que isso nunca venha a realizar-se e que este paraíso não chegue nunca a ser uma realidade (eu próprio admito isto!); bem, pois, apesar de tudo, continuarei anunciando a boa nova. E, no entanto, como isso seria simples! Num dia, numa só hora, tudo mudaria. Ama a Humanidade como a ti mesmo! Isto é tudo; isto é tudo e nada mais é preciso; saberás depois como hás de viver. E, além disso, só há uma verdade... uma verdade antiga, antiquíssima, mas que é preciso repetir uma e mil vezes, e que até agora não se arraigou nos nossos corações. O conhecimento da vida está acima da vida; o conhecimento da lei da felicidade... está acima da própria felicidade... Eis aí aquilo contra que se deve lutar. E eu lutarei contra isso! Se todos quisessem, tudo mudaria sobre a Terra num momento.

Mas ando ainda à procura daquela juvenzinha... E continuo, continuo....

FIM

